

# Notas do Cartelão

325 - outubro de 2022

## Debates

### Notas de uma psicanalista brasileira nos Estados Unidos

#### Mariana Hollweg Dias

Em 2019 surgiu a oportunidade de minha família e eu morarmos dois anos nos Estados Unidos e, não sem alguma excitação, optamos por embarcar nessa experiência. Estava advertida de que com isso muitas coisas mudariam profissionalmente - a minha prática clínica pelo menos da maneira como vinha acontecendo seria interrompida por um tempo, bem como a docência e os estudos com meus pares presencialmente - mas não meu desejo de seguir clinicando, estudando e, agora, desbravando por novos horizontes. Logo surgiu essa pergunta: mas e tem psicanálise nos Estados Unidos?

Apesar de há 112 anos Freud ter “levado a peste” para o Estados Unidos - como ele mesmo teria dito quando foi convidado pelo psicólogo Stanley Hall para ministrar palestras na Clark University em Massachusetts -, sabemos que esse não é um país com tradição na psicanálise e, menos ainda, quando se trata de psicanálise lacaniana<sup>[1]</sup>. Mas eu estava indo para uma região muito cosmopolita, *Washington DC*, uma capital com pessoas de todos os lugares do mundo, onde culturas, línguas e saberes se enredam de uma maneira muito interessante. Quem sabe me surpreenderia? Ainda no Brasil comecei minhas pesquisas e todos os contatos possíveis, mas nada era muito óbvio!

Na época em que cheguei, todos os sites de instituições psicanalíticas da região remetiam a esse evento ligado a IPA, que aconteceria em *Washington DC* em novembro de 2019: *What do Women Want Today?* O título me despertou interesse e lá fui eu! Logo no coquetel de recepção, conheci uma colega que após alguns minutos de conversa disse que iria me apresentar para outra “*lost lacanian*” que estava no Congresso. Como analistas, nós não subestimamos a escolha das palavras, e não demorei a perceber por que fomos adjetivadas assim!

Sabemos que a história da psicanálise é repleta de cisões entre escolas e instituições. Rupturas essas relacionadas às diferenças teóricas e também políticas, no que diz respeito ao arranjo institucional para a formação de analistas e sustentação da prática.

Realmente, às vezes há diferenças enormes entre as diversas linhas teóricas que fazem analistas vindos da mesma origem freudiana se distanciarem bastante. Mesmo na tradição lacaniana há diferenças, discordâncias e rupturas. Mas acho que temos muito o que aprender com as diferenças, até mesmo para reafirmarmos nossas escolhas.

Voltando ao Congresso, havia entre as conferências um momento de debate em pequenos grupos. Fiquei numa mesa em que as discussões giravam em torno da defesa dos direitos iguais entre homens e mulheres e do quanto essas estavam assoberbadas com as inúmeras demandas. Até que uma senhora pediu a palavra e dentre outras coisas sobre as quais não vou me deter agora, falou que a divisão igual de tudo era da ordem do impossível, porque a posição dos sujeitos no discurso era diferente. Enfim, “só pode ser a outra *lost lacanian*”, pensei! Foi assim que encontrei Devra Simiu, coordenadora do *Lacanian Forum of Washington DC*, e, sim, nós estávamos perdidas! Ela foi muito receptiva e me convidou para participar do seu grupo.

Na época participavam do *Forum* não mais do que umas 20 pessoas. Nem todos eram membros, alguns, como eu, eram visitantes. O grupo todo se encontra mensalmente seguindo um eixo geral de discussões elencadas para aquele ano de trabalho. Naquele momento, parte desse grupo começava a se reunir em cartel para estudar o Seminário 8, “*On Transference*”. Por coincidência, esse mesmo seminário estava sendo o eixo de trabalho do ano na APPOA.

O *Lacanian Forum of Washington DC* é filiado a Internacional dos Foruns e tem brasileiros na sua história (Antonio Quinet e Sonia Alberti estiveram por lá em 2007 sustentando a composição desse grupo. Cristian Dunker já esteve também trabalhando com eles em 2009). Essa transferência do grupo com o Brasil deve ter facilitado a minha chegada. Eles têm um grande respeito pelos psicanalistas brasileiros e demonstraram bastante interesse em saber mais sobre a Associação Psicanalítica de Porto Alegre e o Instituto APPOA.

Naquela ocasião, entrei em contato com alguns colegas da APPOA a fim de pensar essa apresentação<sup>[2]</sup>. Procurei falar um pouco da história da APPOA, de nossa forma de trabalho, e contei mais especificamente da experiência da Casa dos Cataventos – da qual tive o privilégio de fazer parte nos primórdios - já que naquele momento interessava ao grupo as questões sobre psicanálise e a cidade. Retomar a trajetória da APPOA e de sua inserção na história do movimento psicanalítico, e mais especificamente debruçar-me a compreender as ramificações da própria escola Lacaniana, foi para mim um momento formativo especial.

Uma das perguntas que me fizeram foi particularmente interessante para pensar o lugar que tem a psicanálise no Brasil em comparação aos Estados Unidos. Questionaram a que se devia no Brasil os psicanalistas ocuparem um lugar tão “pop”, citando inclusive o número de seguidores de alguns psicanalistas brasileiros no *Youtube* e no *Instagram*. Como isso era possível? Que caminhos históricos possibilitariam esse lugar para a psicanálise no nosso país? Até então eu mesma não havia me dado conta disso, do quanto alguns analistas estavam populares por aqui, ganhando espaço na mídia e em redes sociais e mais, do quanto isso era muito diferente do que se via nos Estados Unidos.

“A psicanálise está escondida”, foi uma frase que escutei da Eliana Betancourt, no *podcast* *Psicanálise Afora*, e achei ótima!<sup>[3]</sup> Eliana é psicanalista, membro da APPOA, e mora e trabalha em Nova Iorque há mais de 20 anos. Com “escondida”, a ideia é que a psicanálise nos Estados Unidos não está na cultura como no Brasil ou como em alguns países da Europa. Lá não se encontram facilmente, por exemplo, psicanalistas assinando colunas de jornal ou sendo chamados em programas de televisão para falar de acontecimentos sociais importantes. Os psicanalistas também não estão, a priori, na saúde pública ou ajudando a construir as políticas públicas como aqui. No entanto, há sim Psicanálise por lá!

Além de estar “escondida”, nos Estados Unidos, a Psicanálise está distante da Psicologia. Sabemos que no Brasil a Psicanálise está amplamente difundida na Universidade, especialmente nos departamentos de Psicologia, com menor ou maior ênfase. Também há cada vez mais cursos de pós-graduação em Psicanálise. Lá isso não acontece. A Psicanálise passa longe das graduações em Psicologia e parece estar de maneira tímida nas Universidades, em departamentos como os de Filosofia ou Letras. Eventualmente na Psiquiatria, mas aí não a psicanálise laciana.

No *Lacanian Forum of Washington DC*, éramos só duas psicólogas, um psiquiatra e os demais com diferentes formações nas ciências humanas. Participam também professores da *George Washington University* e da *Georgetown University*, ambos do departamento de Filosofia. Outra peculiaridade interessante, e muito diversa da experiência da APPOA, é que a maioria dos membros são estudiosos da psicanálise e não clínicos ou necessariamente interessados em ser analistas.

Além de participar das atividades ligadas ao *Forum*, participei de diferentes palestras e cursos relacionados à saúde mental da rede do condado aonde estava morando, eventos voltados à atenção da saúde mental nas escolas e atividades organizadas a nível local para os pais. De todas essas atividades, destaco o curso ofertado pela *Johns Hopkins University* sobre atendimento a crises, o já reconhecido mundialmente *Psychological First Aid*. O protocolo desenvolvido nessa universidade tem sido usado especialmente em situações de catástrofes quando as pessoas perdem muito de suas vidas, desde coisas materiais até parentes e amigos, e não é direcionado especificamente a profissionais da saúde, mas a possibilidade de estudo e intervenção é aberta a todos. Também fiz a capacitação para a versão desse protocolo no atendimento infanto-juvenil que foi ofertado a pais e profissionais de todas as escolas da rede pública do condado. Achei essa oportunidade fantástica e esses protocolos interessantíssimos ainda para nós analistas, o que era muito distante de minhas expectativas.

Fiquei impressionada com a rede de atenção psicossocial articulada nas escolas públicas<sup>[4]</sup>. Todas elas tem *counselors*, que em sua maioria são psicólogos escolares, e também assistentes sociais. E desde a pré-escola faz parte do currículo o *counseling*: um horário semanal na grade curricular destinado a abordar as habilidades sócio-emocionais. As crianças podem inclusive marcar hora com o *counselor* da escola sozinhas, sem a necessidade de contato familiar, sempre que acharem necessário<sup>[5]</sup>.

Ainda sobre a questão da saúde mental, queria destacar dois pontos que me chamaram muito a atenção e que talvez passe despercebido quando se está no país como turista: a quantidade de propaganda de remédios específicos para transtornos psíquicos feitas direto ao público nos canais de televisão, bem como a quantidade de propagandas nos espaços públicos como meio de transporte e *outdoors* de aplicativos de psicoterapia online. As frases de propaganda desses aplicativos tem apelos como: “não perca tempo, faça a sua terapia em qualquer lugar”, tendo como exemplo a troca de mensagens com o terapeuta enquanto se está no metrô. Os “planos” são diversos. Você pode, por exemplo, pagar uma mensalidade e mandar mensagens de texto o dia todo para o terapeuta. Esse tem o dever de te responder até três vezes ao dia. Numa rápida pesquisa *online* é possível encontrar algumas práticas bem bizarras.

Naquele momento em que fui, segui acompanhando alguns poucos analisantes, todos adultos. Sujeitos que, na época, combinamos de seguir o trabalho *online* ou por que estavam num momento delicado de suas vidas em que seria complicado encaminhar para outro colega, ou aqueles que já tinham uma sólida transferência que permitia a continuidade do trabalho à distância por um tempo e assim o desejaram, ou porque também estavam em um processo de mudança de cidade. Enfim, situações bem específicas como costumava ser a sustentação de um trabalho *online* naquele tempo. Com a pandemia essa experiência mudou, como bem sabemos.

De qualquer forma, o que eu queria dividir com os colegas foi uma procura por análise que eu não esperava que chegaria: a de brasileiros que moravam lá, tanto pessoas que passariam um período determinado morando fora como eu, quanto brasileiros que há anos estavam radicados nos Estados Unidos e que ainda assim não se sentiam à vontade para dar início a uma análise em uma língua que não a materna. Naquele período não havia na grande *Washington DC* analistas brasileiros que atendessem presencialmente.

Essa é uma experiência ainda em andamento, portanto, maiores reflexões a respeito estão por serem feitas. Por hora, já posso dizer que a experiência de estar morando (ou agora, ter morado) naquele mesmo país que os analisantes, no mínimo, não é sem consequências. Para aqueles que estão morando há bastante tempo lá, às vezes desde a infância, ser escutado por um analista que pode transitar entre as línguas quando as palavras faltam em uma ou em outra, pareceu importante. Por outro, em alguns casos, uma certa identificação com “nós que somos brasileiros e estamos numa situação de imigrante” se torna mais um material de análise como outras identificações que podem acontecer quando procuramos um analista que “se pareça” conosco.

Experiências que ainda ressoam, instigam e relançam questões!

#### Referências bibliográficas:

FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise* (1910). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

**Autor:** Mariana Hollweg Dias

Mariana Hollweg Dias psicanalista - APPOA.

[1] Tais conferências resultaram no texto 'Cinco lições sobre Psicanálise' (Freud, 1909) e foram fundamentais para a difusão da Psicanálise para além do continente europeu.

[2] Meu agradecimento especial à Renata Almeida, que rapidamente me enviou um texto em inglês já apresentado pela equipe da Casa dos Cataventos no Congresso da Convergência em 2015, em Madrid, e no Congresso Internacional de Psicanálise e Educação no mesmo ano, em Paris; e a Eliana Betancourt que gentilmente me auxiliou na revisão do texto.

[3] O *podcast* Psicanálise Afora é um projeto coordenado por Mariana Anconi e Eliana Betancourt e está disponível em diferentes plataformas de *streaming*. Cada episódio é uma entrevista com psicanalistas brasileiros que exercem ou já exerceram a psicanálise em outros países, abordando as peculiaridades de sua inserção considerando a cultura e a língua do local. Essas entrevistas viraram um livro lançado em 2021: ANCONI, Mariana R.; BETANCOURT, Eliana (orgs). *Psicanálise Afora: percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro*. Editora Edgard BLUcher Ltda, 2021.

[4] Aqui estou falando bem especificamente das escolas elementares (que corresponde até o quinto ano do ensino fundamental no Brasil) em *Arlington County*, na Virginia, região da grande *Washington, DC*. Essa observação é importante porque, como se sabe, os Estados têm uma autonomia administrativa muito grande, o que somado às diferenças sócio-culturais impactam bastante no quesito educação em cada região.

[5] Sobre essa autonomia dada às crianças, uma nota interessante. Em 2019 tinha acabado de ser aprovada uma normativa nas escolas públicas relativa às questões de gênero. Uma das alíneas dizia que as crianças tinham o direito de serem chamadas pelo pronome que lhes parecesse melhor, a despeito de qualquer posição da família e em qualquer idade. Outra curiosidade: em todos os e-mails institucionais que recebíamos da escola, abaixo da assinatura do remetente havia o pronome adotado por ele/ela. Aliás, nas mesas e encontros da área da saúde mental que participei no âmbito do condado e das escolas, os palestrantes sempre incluíam o pronome com o qual se identificam (ex.: "My name is Mariana, I am a psychoanalyst and I go by she/her).

Mariana Hollweg Dias é psicanalista (APPOA).